

**EUDALDO GOMES DA SILVA: UM CASO DE REPRESSÃO POLÍTICA NO  
CORAÇÃO DO RECÔNCAVO BAIANO (1960/1970).**

Lucileide CostaCardoso\* \*

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
e-mail: lucileidecardoso terra.com.br

**Resumo:**

A pesquisa busca recuperar a história singular do estudante Eudaldo Gomes da Silva, Presidente do Diretório Acadêmico Livre de Agronomia, em 1968 (DALA), pertencente à antiga Escola de Agronomia da Bahia (EAB), hoje conhecida como UFRB. Além de grande líder estudantil, Eudaldo foi militante da VPR, banido do Brasil em 15 de junho de 1970, por ocasião do seqüestro do embaixador da Alemanha, Von Holleben, com mais 39 presos políticos. Retornando ao Brasil clandestinamente, foi morto no dia 7 de janeiro de 1973 juntamente com Pauline Reichstul, Evaldo L. F. de Souza, Jarbas P. Marques, José M. da Silva e Soledad B. Viedma, em uma chácara no município de Paulista, Pernambuco. O caso é conhecido como “Massacre da Chácara São Bento”. Traídos pelo Cabo Anselmo, todos foram presos pela equipe do delegado Sérgio Paranhos Fleury, que os torturou até a morte, na própria chácara. A intenção da pesquisa é mapear os diversos interlocutores ainda vivos que militaram no movimento estudantil junto com Eudaldo e que até hoje conservam suas lembranças. Para tal fim, inserimos a sua história no contexto do ME do recôncavo baiano, especialmente as contestações na conjuntura do pré-golpe de 64, no ano emblemático de 1968 e no processo de reorganização estudantil em meados dos anos 70.

Palavra-chave: Estudantes, Luta Armada, Recôncavo Baiano

**Texto**

Nas cidades do interior do país as notícias sobre as atrocidades cometidas pela ditadura militar sempre foram escassas, bem como os impactos da

---

\* Pesquisadora em História do Brasil, notadamente do período da Ditadura Militar. Líder do Grupo de Pesquisa Cultura, Memória e Política Contemporânea (UFRB/CNPq). Tese de Doutorado (USP), Dissertação de Mestrado (PUC/SP). Professora Adjunta de História Contemporânea da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB e Professora colaboradora do Programa de Pós-graduação em História Social da UFBA.

\* Esta pesquisa recebeu a contribuição inestimável dos alunos do curso de graduação de História da UFRB, Heber José Fernandes de Oliveira e Adriano Batista Paixão Lago no processo de coleta e tratamento das fontes.

ideologia e das políticas dos governos militares não foram tão visíveis nem tão intensos. Através do cruzamento de fontes diversas pretendemos traçar um panorama histórico dos principais acontecimentos do período de maior repressão política do Brasil e seu grau de repercussão na região do Recôncavo Baiano. Neste sentido, a historiografia sobre a ditadura militar brasileira é bastante lacunar quando se trata das particularidades locais, portanto justifica-se a necessidade emergencial de resgatarmos a história do Movimento Estudantil da antiga EAB (Escola Agrônômica da Bahia), situada na cidade de Cruz das Almas.

Para uma visão mais abrangente deste processo, procuramos analisar os documentos referentes à luta estudantil da antiga Escola na conjuntura do golpe de 64. Ademais, membros da Direção da Escola posicionaram-se a favor das medidas tomadas pelo Comando Supremo da Revolução, especialmente a edição do AI-1 que estabelecia punições aos membros do Governo Jango e demais suspeitos. Durante uma reunião da Congregação, os professores e demais representações, aprovaram o envio de um telegrama ao General Presidente Castelo Branco parabenizando-o pelo estabelecimento de uma nova ordem regida pela democracia contra o comunismo. Os termos destacados na *Ata de 13 de Abril de 1964/ Congregação da E.A.B* evidenciam as atitudes da Direção da Escola de apoio incondicional ao regime militar. A seguir descrição de um dos trechos:

*“(...) com a presença dos professores (...), o senhor presidente José de Vasconcelos Sampaio (...) declarou que no intervalo compreendido entre a reunião passada e o presente houve uma revolução nacional, em que as classes armadas visaram reintegrar o país na órbita democrática e na linha da evolução cristã. Teceu entusiásticos elogios as classes armadas pelo seu alto espírito democrático e pelo modo decisivo e patriótico com que procuraram eliminar o comunismo ateu do organismo pátrio. Disse que a diretoria da Escola se manteve serena e vigilante, em contexto com as autoridades, com docentes e discentes e em consonância com as medidas tomadas pelo Comando Revolucionário, para solver a guarda do regime democrático brasileiro, tendo baixado portarias destituindo a direção do Diretório Acadêmico Landulfo Alves e dissolvendo a Associação Beneficente dos Trabalhadores da E.A.B. por suspeição de infiltração comunista no seu seio, lendo cópias das citadas portarias. (...) Por proposta do professor Gilberto da Mota, a congregação, por unanimidade, resolveu fosse passado um telegrama de apoio e congratulações ao Presidente da República, eleito, General Castelo Branco. Tratando-se dos reflexos, na Escola, da atual situação nacional o professor Geraldo Pinto disse do compromisso patriótico que se deve assumir com a pátria ameaçada pelo comunismo e a necessidade de se passar da fase do aplauso à colaboração com as Forças Armadas, no sentido de desconstrução do país. Que a Escola não fugiu a*

*regra e estava na hora de se proceder a um expurgo, perguntando ao senhor presidente quais as providências que estavam sendo tomadas, no particular, pois se tornava necessária uma limpeza, para não sofrermos nova ameaça de comunização, sendo conhecido todos os elementos que aqui catequizavam e propalavam os ideais comunistas, sendo o momento da congregação e da diretoria expurgar a Escola destes elementos.”*

No confronto com a implantação das novas políticas educacionais por parte da Direção da Escola, especialmente o Acordo MEC-USAID, vários professores e estudantes manifestaram atitudes de resistências contrárias aos golpistas e na defesa do ensino público com autonomia.. Índícios de alianças entre o movimento universitário da EAB e o movimento secundarista do Colégio Alberto Torres, espécie de colégio modelo da cidade, aparecem nos depoimentos orais já coletadas, demonstrando a inserção da EAB no quadro mais amplo de atuação na comunidade cruzalmansense.

Nossa pesquisa constatou que a história do ME na EAB nos anos sessenta e setenta pode ser dividida em três momentos significativos. O primeiro marcado pela influência da Frente Nacionalista em Cruz das Almas. Seus principais líderes de 1962 a 1964 foram José Alberto Bandeira Ramos, presidente do Diretório Acadêmico em 1962, Ciro Mascarenhas e Amílcar Baiardi. Este último tentou organizar uma resistência armada logo após a notícia do golpe, mas tal empreitada logo se revelou impossível e foi frustrada. Este período foi marcado também por uma luta para manter no interior da Escola a autonomia do Diretório frente às diversas tentativas de controle por parte da Direção.

A segunda fase foi no pós-64 até 1969 com a geração participante e dirigente do DALA, formado pelos estudantes Ygor Coelho, Abdon Jordão Filho, Eudaldo Gomes, Armando Rosa, Joelito entre outros. Neste período, greves e diversas mobilizações para manter a qualidade do ensino agrônômico na Bahia se fizeram sentir. Após a edição do AI-5 em 13 de dezembro de 1969, presenciamos um refluxo no ME no Recôncavo, fenômeno também presente em várias partes do Brasil, principalmente pela escalada da repressão, culminando com prisões, assassinatos e exílios.

A terceira fase se caracteriza por uma necessidade de reorganização do ME no plano nacional, fazendo ressurgir na EAB as lutas estudantis por volta de

1977, naturalmente dentro de um contexto de luta pela Anistia Política. A Campanha pela Anistia alcançou na Bahia um papel de destaque com a realização do Congresso Prol Anistia no Brasil. Nos poucos documentos restantes do DALA nesta fase, encontramos menção ao grupo denominado de “Tupamaros” e levantam-se dúvidas sobre a destruição da residência estudantil por parte dos militares, centro de resistência e apelidada pelos estudantes de “Hospício”. Temos também neste período um forte movimento grevista que paralisou a Escola por alguns meses e a presença de policiais acampados no campus.

Após este contexto mais geral sobre o ME da antiga EAB - talvez nem tão ativo e combativo quanto o da cidade de Salvador, mas hoje relegado ao esquecimento – apresentamos o objetivo deste texto que é o de realizar um estudo de caso, destacando a singularidade da trajetória do estudante Eudaldo Gomes da Silva, nascido a 1 de outubro de 1947, no Estado da Bahia, filho de João Gomes da Silva e Izaura Gomes da Silva. Foi participante ativo do movimento estudantil no Recôncavo Baiano nos anos sessenta e posteriormente membro da luta armada impetrada contra a ditadura militar no Brasil. Ao recuperar sua trajetória, mapeamos os diversos interlocutores ainda vivos que militaram na antiga EAB e que até hoje, conservam suas lembranças<sup>1</sup>. Inicialmente, inserimos sua trajetória no contexto de sua formação política, ainda no Colégio 02 de julho na cidade de Salvador, depois no ME do recôncavo baiano, especialmente as contestações na conjuntura do pós- 64, no ano emblemático de 1968 até o seu ingresso na militância política armada no período de 1969 a 1973. Não podemos deixar de pontuar que o ano de 68 foi emblemático do ponto de vista das contradições advindas do início da década de sessenta em vários países da Europa, Ásia, América. No Brasil assume um contorno próprio liderado por uma explosão de manifestações estudantis e pelas grandes greves de Osasco e Contagem

Eudaldo Gomes da Silva foi Presidente do Diretório Acadêmico Livre de Agronomia em 1968 (DALA), pertencente à antiga Escola Agrônômica da Bahia (EAB), hoje conhecida como UFRB (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia).

---

<sup>1</sup> Nos limites deste texto, não analisamos as entrevistas realizadas com os senhores Amilcar Baiardi, Ciro Mascarenhas Rodrigues, Abdon Jordão Filho, Ygor Coelho, Hermes Peixoto e Armando Rosa. O conteúdo dos seus depoimentos serão temas de outros artigos, bem como entrevistas ainda não concluídas.

Além de líder estudantil, Eudaldo foi militante da VPR, banido do Brasil em 15 de junho de 1970, por ocasião do seqüestro do embaixador da Alemanha, Von Holleben, com mais 39 presos políticos. Retornando ao Brasil clandestinamente, foi morto no dia 7 de janeiro de 1973 juntamente com Pauline Reichstul, Evaldo L. F. de Souza, Jarbas P. Marques, José M. da Silva e Soledad B. Viedma, em uma chácara no município de Paulista, Pernambuco. O caso é conhecido como “Massacre da Chácara São Bento”. Traídos pelo Cabo Anselmo, todos foram presos pela equipe do delegado Sérgio Paranhos Fleury, que os torturou até a morte, na própria chácara.

Eudaldo fez parte da história das esquerdas no Brasil, formada em sua maioria por jovens oriundos do movimento estudantil que ingressarem na luta armada. Ele viveu a experiência da clandestinidade, da prisão, da tortura e do exílio, sempre generoso e sensível aos problemas sociais abraçou de imediato determinados projetos de revolução que visavam derrubar a ditadura. Como já foi dito, nasceu em Salvador e foi um, entre os vários filhos de uma família marcada pela pobreza. Para sua sorte, o seu tio, que era vigia do Colégio Dois de Julho, escola bastante conceituada na época, conseguiu para ele uma vaga que garantiu sua boa formação nos estudos. Para muitos dos seus companheiros ela já veio de Salvador para cursar engenharia agrônômica na EAB com uma sensibilidade particular para questões sociais e políticas. Muito simpático e simples, tocava violão e jogava futebol. Era bastante popular na cidade, freqüentava festas e tinha boas relações com os moradores.

Tais registros que caracterizam seu jeito leve, amigo e solidário estão presentes no LIVRO de Atas do DALA (1962 a 1968) e nos ofícios, telegramas, correspondências, poemas, textos, programa de teatro que abrangem o período de 1963 a 1978. Alguns desses documentos foram assinados por Eudaldo Gomes e endereçados a Direção da Escola. O conteúdo remete ao cotidiano dos estudantes e dificuldades com bolsas de estudos, problemas relacionados a reprovação de alunos, falta de livros na biblioteca, pois grande parte da verba do Diretório era consumida com apostilas. Para exemplificar este apoio as demandas internas dos estudantes, citamos o ofício, datado de 27/05/1968, em que Eudaldo solicita que um aluno Raymundo Santos Barros fosse incluído entre os estagiários universitários da Secretaria da Escola. ~

Preocupações com a dinâmica externa também preocupavam o estudante que revela uma grande sensibilidade com a situação dos alunos da Escola de Agronomia do Médio São Francisco. Em comunicação oficial a Direção da Escola indica a necessidade de uma visita dos alunos da EAB a esta Escola. De fato, bem antes do golpe de 64, a EAB começou a liderar um Movimento Pró-melhoramento do Ensino Agrônomo da Bahia e do Brasil. Contudo, no final da década de sessenta notamos um recuo nesta posição quando ocorre o abandono da Escola do Médio São Francisco. Vejamos a matéria publicada no Jornal da Bahia de 15/08/66 “*Estudantes de Agronomia Lutam: Melhorar Escolas Existentes, Não Vir Nova*”. A matéria se refere a discussão sobre a necessidade que os estudantes tinham que o governo estadual concentrasse esforços em uma única escola, no caso a EAB. Começa uma luta pela federalização da escola, concretizada durante o governo Castelo Branco, 1967 e, deste modo, a proposta de incorporação da Escola Agrônoma do Médio S. Francisco que vivia numa grande precariedade foi deixada de lado.

Além dos ofícios, existe uma prestação de contas da FESTA DE CALAOUROS em 1968, assinado por Eudaldo e um telegrama enviado ao Sr. Ministro da Agricultura em protesto ao corte de verba destinada a Escola no valor de \$20.000,00 cruzeiros proveniente do Acordo Lei 2044 de 23/10/1953. O Diretório solicita também a liberação de verbas existentes no Fundo Federal Agropecuário para melhorar o ensino agrônomo superior brasileiro.

Estes fragmentos demonstram que o movimento estudantil não se preocupava apenas com questões de natureza política, mas tinha uma inserção muito grande no cotidiano escolar, estabelecia ações para garantir a sobrevivência de estudantes sem recursos financeiros e administrava as relações cordiais ou conflituosas entre professores e alunos e a comunidade em geral. A luta pela melhoria da qualidade do ensino passava necessariamente por uma crítica a proposta de Reforma Universitária do governo federal. Neste particular, Eudaldo junto com seus colegas Abdon Jordão, Ygor Coelho, Armando Rosa entre outros, exercia uma liderança genuína com maestria e sensibilidade. No gesto simbólico de ruptura com “objetivos menores” frente à tarefa de “fazer a Revolução”, Eudaldo desistiu de receber o diploma universitário faltando apenas quinze dias para se formar e partiu para a luta armada. Podemos afirmar que

vários jovens desta geração viveram o ápice do romantismo revolucionário, isto é, a utopia de que outro mundo era possível através do emprego das estratégias de guerrilha urbana e rural.

Eudaldo também foi membro do Diretório Central dos Estudantes e redigia junto com outros colegas o BOLETIM do DCEAB (Diretório Central dos Estudantes de Agronomia do Brasil) Em uma de suas edições (1967), os estudantes denunciam o acordo MEC/USAID e proclama que os alunos deviam está preparados para a discussão da Reforma Universitários proposta pelo governo<sup>2</sup>. Em outro comunicado encontramos indícios da posse da nova direção do DALA, tendo como presidente Eudaldo (27/05/1968), além do e 2º. Secretário – Joselito Matos Vieira, Secretário de Intercâmbio e Cultura; Abdon Jordão Filho, Secretario de Imprensa e Propaganda; Moacir Omena de Oliveira e Irene Ramos assumindo a Secretaria Feminina.

No LIVRO de ATAS da Congregação da EAB/E.A.UFBA 1964-1972, precisamente a Ata da 5ª sessão: 7 de Agosto de 1968, consta referências a atuação de Eudaldo como Presidente do DALA. Segue descrição:

*“(...) sob a presidência do professor Zinaldo Figueirôa de Sena, diretor da Escola, (...) professores e os representantes do corpo discente Eudaldo Gomes da Silva e Eduardo José Nascimento. (...) O estudante Eudaldo procurou saber da presidência, se em virtude da greve que motivou o não funcionamento das aulas, se o curso seria prorrogado para atender a exigência curricular dos 180 dias. O senhor presidente respondeu que iria se entender com o Magnífico Reitor, que as providências sobre a matéria tomará de um modo geral a Universidade. O professor Geraldo Pinto disse que as provas de junho, na sua cadeira, não foram totalmente realizadas, em consequência da greve estudantil, sendo interessante que o calendário para as provas restantes, seja organizado de modo a não haver acúmulo.”*

Encontramos ainda, uma literatura que apresenta Eudaldo como símbolo do movimento de resistência a ditadura militar no Brasil. No livro de Gilney

<sup>2</sup> MEC/Diretoria do Ensino Superior – DECRETO – LEI assinado Pelo Presidente Castelo Branco, 28 de fevereiro de 1967 reformula a representação estudantil.

Viana *Massacre da Chácara São Bento. (Mortos e desaparecidos II)*. Brasília, 29/02/1996, o autor faz uma breve homenagem às vítimas do episódio conhecido como "Massacre da Chácara São Bento". Traz uma pequena biografia de Soledad, Evaldo Luiz Ferreira, Eudaldo Gomes da Silva, Pauline Reichstul, José Manuel da Silva e Jarbas Pereira Marques, vítimas do referido episódio. Outro livro mais denso e importante, organizado por Nilmário Miranda e Carlos Tibúrcio, intitulado *Dos Filhos deste solo. Mortos e Desaparecidos políticos durante a ditadura militar: a responsabilidade do Estado*, publicado pela Fundação Perseu Abramo em 2008. Neste livro, encontramos a reconstituição das diversas versões elaboradas pela polícia política liderada pelo Delegado Sérgio Paranhos Fleury para encobrir a "verdade". Novas versões surgiram por parte dos militantes e parentes que viveram a época, elucidando o caráter bárbaro da aplicação das torturas que os levaram a morte.

Para completar citamos o livro POEMAS DO CÁRCERE de Ciro Mascarenhas Rodrigues, onde consta um Poema em homenagem a Eudaldo. São reunidos neste livrete 15 poemas e um soneto escrito, em sua maioria, em 1964 quando o autor com apenas 20 anos, foi preso político na Fortaleza de Monte Serrat, em Salvador, Bahia. O primeiro poema, "Desperta povo", publicado pouco antes do golpe, teria sido um dos motivos da reclusão. A cópia que fora publicada em jornal local de Cruz das Almas, Bahia, estava no dossiê em poder dos seus inquisidores. Segundo Ciro, o cárcere improvisado era um grande barracão da oficina de material bélico do Exército, naquele Quartel. Fora adaptado às pressas para receber prisioneiros e as instalações eram muito precárias:

*“Não existiam camas, apenas colchões espalhados pelo chão, um banheiro coletivo de dimensões limitadas para servir a uma população flutuante de uns 50 homens. Mas em meio a tanta privação, um privilégio incontestável: o portão de acesso ao barracão era um gradeado de aproximadamente três metros de largura por dois de altura. A vista para o mar era impressionante, pois estávamos no alto de um monte”.*

Em meio a tudo isso, um soneto, por sinal o primeiro composto pelo autor em homenagem ao seu grande amigo.

## UM SONHO

### Para Eudaldo, um amigo guerrilheiro

Nossa escola... minha memória  
um porão... meu inconsciente  
Agronomia... Biblioteca,  
de repente entre livros e panfletos  
a tua boina e tua mochila.

E dentro de empoeirados escaninhos  
novos despojos do herói guerrilheiro  
calça Lee, camisa cáqui  
e uma bota de campanha  
envolta no verde de uma jaqueta  
do Ipanema Futebol Clube.

E atrás daquela estante  
cheia de livros em alemão  
a arma que não te deram  
a chance de disparar  
em tua defesa.

Reúno, surpreso, teus despojos  
penso usá-los  
e sair por ai  
perpetuando a tua lembrança.  
Mas como caber meu corpo franzino  
na roupa que vestiu teu corpo forte?  
E os meus pés frágeis  
em tuas botas de andarilho?

Restam a boina, a arma e a mochila.  
Na mochila guardarei os sonhos  
alimento do meu dia a dia;  
a boina até que me pega bem  
porei a estrela Che.

Enquanto da arma, penso o que fazer,  
ela escorrega-me das mãos  
e dispara rajadas de rosas  
alternadas com pão e vinho  
que inundam a Biblioteca,  
saindo por portas e janelas  
ganhando ruas  
de todas as cidades  
transfigurando a nação.

Nas palavras de Cyro Mascarenhas Rodrigues, “Liberdade é um lamento solene que reverencia a deusa guardiã desse direito inalienável do cidadão. Uma condição que só parece devidamente valorizada quando nos é cerceada ou nos sentimos ameaçados por sua falta”.

Para finalizar este texto buscamos sistematizar algumas informações presentes em jornais, sites e documentação coletada no DEOSP/SP referente ao militante político Eudado. Não podemos esquecer que a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), foi uma das organizações que mais se destacou na luta armada contra a ditadura militar, abrigou em seu seio duas personalidades que jamais serão esquecidas na História do Brasil. Uma, por sua bravura, por ter deixado uma promissora carreira militar para se entregar à luta pela democracia e pelo socialismo, o capitão Carlos Lamarca (A Verdade, nº 28). Outra, por ter traído essa luta da forma mais vil que se pode conceber, entregando dezenas, talvez centenas de companheiros à sanha de repressão, entre estes, difícil de acreditar em tamanha sordidez, a própria mulher grávida; trata-se de José Anselmo dos Santos, o tristemente famoso cabo Anselmo.

Através das manchetes dos jornais publicadas no dia 11 de janeiro de 1973, podemos perceber a construção de versões sobre o episódio do Massacre da Chácara São Bento. Vejamos algumas delas: “Segurança Acaba com Terror no Grande Recife” (Diário de Pernambuco); “6 Terroristas Mortos em Paulista” (Jornal do Commercio); “Desarticulado um reduto terrorista em Pernambuco” (Folha de São Paulo). Os jornais publicavam a nota oficial dos órgãos de segurança, segundo a qual a polícia teria descoberto que um grupo da VPR estaria realizando um congresso na chácara de São Bento, localizada no Município do Paulista (hoje, Abreu e Lima, na Região Metropolitana do Recife). Chegando ao local, os policiais deram voz de prisão aos militantes, que reagiram, travando-se uma troca de tiros. No final, cinco participantes da reunião haviam morrido e um sexto escapara, mas foi localizado no dia seguinte em Olinda, resistiu à prisão e também foi morto.

Os nomes dos mortos: Soledad Barret Viedma<sup>3</sup>, Pauline Reichstul<sup>4</sup>, Eudaldo Gomes da Silva, Evaldo Luiz Ferreira de Souza<sup>5</sup>, Jarbas Pereira Marques<sup>6</sup> e

---

<sup>3</sup> Nascida no Paraguai no dia 6 de janeiro de 1945, era uma jovem cativante e bela. Dela, disse o poeta uruguaio Mário Benedetti “Pudiste ser modelo, atriz, miss Paraguay, Almanaque, quién sabe, cuántas cosas”. Filha de um intelectual de esquerda, aos 17 anos já fora vítima da extrema direita. Um grupo de neonazistas a seqüestrou e marcou-a com uma cruz gamada (símbolo do nazismo). Para fugir à perseguição foi para Cuba, onde conheceu José Maria Ferreira de Araújo, o Araribóia, e casou com ele. Araribóia, militante da VPR, voltou clandestinamente para o Brasil em 1970 e é um dos desaparecidos

José Manoel da Silva<sup>7</sup>. O Jornal do Comércio editado no Recife em 11 de Janeiro de 1973, apresenta uma breve biografia de Pauline, diz que ela participou de um curso de Guerrilha em Cuba, integrante da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) e da Amnesty Internacional, banida do Brasil, juntamente com Eudaldo Gomes da Silva.. A reportagem publica a sua ficha pessoal que se encontra na Delegacia de Segurança Social da Secretaria da Segurança Pública de Pernambuco. O documento está pouco legível. Outro artigo do mesmo jornal, datado de 11/01/1973, sob o título “Desbaratado Congresso do Terror Paulista”, refere-se as circunstâncias em que se deram a morte de Eudaldo Gomes da Silva e dos outros participantes, considerando todos terroristas da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR).

Nos acervos do DEOPS/SP, consta um Relatório do Serviço de Informações de 02/05/73 que apresenta um artigo publicado no n. 5 do jornal Campanha, publicado em Santiago do Chile pela Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), em protesto pela morte de Eudaldo Gomes da Silva, Evaldo Luiz Ferreira de

---

políticos. Soledad continuou ligada à organização e em 1972 recebeu a missão de transferir-se para o Recife, junto com o cabo Anselmo, com a finalidade de reorganizar a base guerrilheira desse Estado.

<sup>4</sup> Nasceu em Praga (Checoslováquia), em 18 de julho de 1947. Seus pais, judeus poloneses, eram sobreviventes da Segunda Guerra Mundial. Migraram para Paris, onde viveram até 1955, e daí vieram para o Brasil. Na juventude, Pauline voltou para a Europa, tendo concluído o curso de Psicologia na Universidade de Genebra (Suíça) em 1970. Mantinha contato com estudantes brasileiros e denunciava as violações dos direitos humanos no Brasil. Foi esposa de Ladislau Dowbor, dirigente da VPR, banido do país em junho de 1970, na troca de presos políticos pelo embaixador alemão seqüestrado pela guerrilha.

<sup>5</sup> Nasceu em Pelotas (RS) em 5 de junho de 1942. Foi companheiro do cabo Anselmo na Associação dos Marinheiros e Fuzileiros Navais, tendo participado ativamente das mobilizações de 1964. Após o golpe, foi expulso da Marinha e ficou preso por 9 meses. Em 1966, retomou sua militância política no Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR). Condenado a cinco anos de prisão optou por fugir do país. Passou oito anos no exterior, cinco deles em Cuba, onde reencontrou cabo Anselmo, treinou guerrilha e se integrou à VPR. Regressou clandestinamente ao Brasil para retomar a luta.

<sup>6</sup> Nascido no Recife, no dia 27 de agosto de 1948, foi preso pela primeira vez em 1968, quando distribuía panfletos convocando os estudantes para o congresso da UBES. Foi torturado, contraiu tuberculose na prisão. Libertado, casou com Tércia Maria Rodrigues em dezembro de 1970 e viajou com ela para São Paulo. Retornou ao Recife no final de 1971, com a tarefa de reorganizar a VPR no Nordeste, juntamente com o cabo Anselmo.

<sup>7</sup> Nasceu no dia 2 de dezembro de 1940 em Toritama (PE). Era cabo da Marinha, tendo sido expulso após o golpe de 1964, por ter participado das mobilizações dos marinheiros. Era militante da VPR e vivia legalmente. Foi preso em Toritama no dia 7 de janeiro de 1973 e apontado pela repressão como tendo informado a realização do congresso da VPR na chácara São Bento, o que teria possibilitado o cerco. Essa informação foi apenas para desviar as atenções do cabo Anselmo, de cuja atuação como agente policial a organização já vinha suspeitando.

Souza, Soledad Barret Viedma, Pauline Reichstul, José Manuel da Silva e Jarbas Pereira Marques. O artigo também acusa José Anselmo, o Cabo Anselmo, de traição. Outro Relatório da Divisão de Informações do DEOPS/SP, de 17/07/78, informa que Eudaldo foi banido do Território Nacional, foi preso em 1970, era membro da Vanguarda Popular Revolucionária da Guanabara (VPR) e da Vanguarda Armada Revolucionária Palmares (VAR-Palmares), ganhou a liberdade em troca do embaixador da Alemanha. Existe também uma Relação com os nomes das pessoas banidas do Território Nacional em troca do embaixador da Alemanha Ocidental, que foi seqüestrado em 11/06/70. Entre eles, Eudaldo Gomes da Silva.

Ainda, em termos de documentos produzidos pela repressão policial encontramos um Relatório da Delegacia de Segurança Social de Recife, PE, à Auditoria da 7ª. CJM, de 24/04/73 que informa sobre as circunstâncias em que se deram a morte de Eudaldo Gomes da Silva, Evaldo Luiz Ferreira de Souza, Soledad Barret Viedna, Pauline Reichstul, José Manuel da Silva e Jarbas Pereira Marques, membros da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), a localização de outros “aparelhos” desta organização, traz algumas informações prestadas por Jorge Barret Viedma, irmão de Soledad, e alerta sobre "o quão é perigosa a organização citada". Além deste, mais um Relatório produzido pelo Comitê de Solidariedade aos Presos Políticos do Brasil em 02/73, denuncia mortes de presos políticos aos Bispos do Brasil. Documento apreendido pelo DOPS em poder de Ronaldo Mouth Queiroz.

No sentido de desconstruir a versão oficial produzida no interior dos órgãos repressivos sobre a militância de Eudaldo e seus companheiros, numa próxima etapa da pesquisa, iremos analisar os depoimentos orais como forma de contraponto e destacando a sua trajetória política no quadro de uma memória social mais ampla de luta de resistência a ditadura militar ou, como querem alguns, projetos de revolução que buscavam alternativas ao regime implantado em 1964.

Ultrapassando uma mera busca de sentido para o passado, a pesquisa contribui para uma reflexão sobre o presente, denunciando mais uma vez os crimes cometidos pela Comunidade de Segurança e Informação e indagando-se sobre os acervos da repressão que, no caso específico do estado da Bahia, pouco ou nada se

conhece do seu destino. No confronto, a memória estudantil do Recôncavo da Bahia evidencia o grau de resistência daqueles que ousaram lutar e desafiar o poder instituído.

#### Referências Bibliográficas:

- ALVES, Maria Helena Moreira. Estado e Oposição no Brasil: 1964-1984. Trad. de Clóvis Marques. Petrópolis, Vozes, 1984.
- BENEVIDES, Silvio C. S. Proibido proibir – Uma geração na contramão do poder. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Salvador, UFBA, 1999.
- BRITO, Antonio Mauricio F. Capítulos de uma história do Movimento Estudantil na UFBA (1964-1969). Dissertação de Mestrado em História. Salvador, UFBA, 2003.
- BRITO, Antonio Mauricio Freitas. O Golpe de 1964, o Movimento Estudantil na UFBA e a Resistência à Ditadura Militar (1964-1968). 2008. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História, UFBA, 2008.
- MARTINS FILHO, João Roberto. Movimento Estudantil e ditadura militar: 1964-1968. Ed. Papirus.
- OLIVEIRA, Antonio Eduardo Alves de. O ressurgimento do movimento estudantil baiano na década de 70. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Salvador, UFBA, 2002.
- REIS FILHO, Daniel Aarão & MORAIS, Pedro de. 1968, A Paixão de uma Utopia. Rio de Janeiro, Espaço e Tempo, 1988.
- \_\_\_\_\_. “1968: o curto ano de todos os desejos”. Tempo Social; Rev. Sociologia da USP, 10(2)2535, outubro de 1998.
- RIDENTI, Marcelo S. “A canção do homem enquanto seu lobo não vem: a agitação cultural e a opção pela revolução brasileira 1964-69”, in Ciências Sociais, p. 1-40. São Paulo, 1991.
- RIDENTI, Marcelo Siqueira. O fantasma da revolução brasileira. São Paulo. Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.
- ROMAGNOLI, Luís Henrique e GONÇALVES, Tânia. A volta da UNE: de Ibiúna a Salvador. SP., Alfa-Omega, 1979
- SILVA, Sandra Regina Barbosa da. “Ousar lutar, ousar vencer”: histórias da luta armada em Salvador (1969-1971). Dissertação de Mestrado em História. Salvador, UFBA, 2003.
- VALLE, Maria Ribeiro do. 1968: O diálogo é a violência. Movimento Estudantil e ditadura militar no Brasil. Campinas – SP, Editora da Unicamp, 1999.